

**“Dilemas da conservação da Vila Operária da Gamboa no Rio de Janeiro:  
Proposta de intervenção física com a participação comunitária”**

Lívia Ribeiro Abreu Muchinelli

Arquiteta Urbanista, Mestranda no ProUrb/FAU/UFRJ

liviamuchinelli@gmail.com

Terena Brito dos Santos

Arquiteta Urbanista, Mestranda no ProUrb/FAU/UFRJ

Av. N. Sra. Copacabana, 1302/203. Copacabana. Cep: 22070-012. Rio de Janeiro/RJ. (21) 22477445

terenabrito@hotmail.com

Maria da Silveria Lobo

Pesquisadora do ProUrb/FAU/UFRJ

marialobo@uol.com.br

## **“Dilemas da conservação da Vila Operária da Gamboa no Rio de Janeiro: Proposta de intervenção física com a participação comunitária”**

### **Resumo:**

O presente trabalho, baseado em uma análise social, histórica e física da “Vila Operária da Gamboa” a partir do “Grupo Focal” realizado com moradores desta edificação em 2008, consiste numa tentativa de desenvolver propostas para enquadrar o imóvel num edital para restauração ou em outra medida, que seja compatível com as condições financeiras dos moradores e que tenha participação dos mesmos.

Ao se considerar a relevância da Vila Operária da Gamboa, primeira moradia de interesse social moderna na cidade do Rio de Janeiro, projetada pelo arquiteto urbanista Lúcio Costa e construída com a ajuda do arquiteto Gregori Warchavchik, em 1933, faz-se necessário um estudo da região em que ela se localiza, a Zona Portuária, local de diversas intervenções desde a formação da cidade.

Nos anos de 1980, o Projeto Sagas propôs uma nova legislação que preserva o uso residencial e o patrimônio arquitetônico e cultural dos bairros Saúde, Gamboa e Santo Cristo na Zona Portuária, classificando a Vila como uma edificação com interesse à preservação e fazendo o tombamento municipal provisório. O tombamento definitivo do imóvel efetuou-se em 1986.

A despeito do tombamento, a Vila vem se deteriorando, tendo passado apenas por reformas feitas pelos seus moradores. E, de acordo com as novas legislações de edificações, ainda faltam algumas adaptações para garantir habitabilidade e segurança aos residentes.

Ao analisar esse contexto busca-se auxiliá-los na elaboração de um projeto para inscrição em edital com propostas de conservação e reabilitação capazes de aproveitar as oportunidades para a área previstas nos documentos oficiais, como o Plano de Revitalização da Região Portuária e o Plano Diretor do Município, e que consigam enfrentar, com o envolvimento da participação comunitária, possíveis efeitos de um projeto de restauração como a especulação, a espetacularização e a gentrificação. Em poucas palavras, um projeto de conservação e reapropriação da residência moderna pelos seus usuários de modo sustentável.

Palavras-chave: Patrimônio, Sustentabilidade e Participação

## **Análise social, histórica e física da “Vila Operária da Gamboa”**

Lívia Ribeiro Abreu Muchinelli  
Arquiteta urbanista, Mestranda no ProUrb/ FAU/ UFRJ  
[liviamuchinelli@gmail.com](mailto:liviamuchinelli@gmail.com)

Terena Brito dos Santos  
Arquiteta urbanista, Mestranda no ProUrb/ FAU/ UFRJ  
[terenabrito@hotmail.com](mailto:terenabrito@hotmail.com)

Maria da Silveria Lobo  
Pesquisadora do no ProUrb/ FAU/ UFRJ  
[marialobo@uol.com.br](mailto:marialobo@uol.com.br)

## **Resumo enviado anteriormente:**

### **“Análise social, histórica e física da “Vila Operária da Gamboa”**

O presente resumo trata-se de uma referência ao estudo realizado na disciplina de mestrado Reabilitação Social em Projetos Urbanos no Programa de Pós-graduação em Urbanismo da UFRJ. O citado trabalho consistiu na análise social, histórica e física da “Vila Operária da Gamboa” baseado em levantamento feito durante o “Grupo Focal” realizado com alguns dos moradores desta edificação no local no ano de 2008.

A citada vila é a primeira moradia de interesse social moderna de que se tem registro na cidade do Rio de Janeiro. Ela foi planejada pelo empresário Fábio Carneiro de Mendonça em 1930 e projetada pelo arquiteto urbanista Lúcio Costa, que com a ajuda do arquiteto Gregori Warchavchik a construiu em 1933.

A citada edificação localiza-se na Zona Portuária do município do Rio de Janeiro, região que passou por intensas intervenções desde a fundação da cidade e mais marcadamente com a modernização do sistema de portos, que causou o seu esvaziamento, e com a implantação por parte dos órgãos públicos de equipamentos e projetos para reverter esse quadro.

Nos anos 80, o Projeto Sagas (projeto que propôs uma nova legislação que preserva o uso residencial e o patrimônio arquitetônico e cultural da zona portuária, composta por três bairros – Saúde, Gamboa e Santo Cristo) identificou o imóvel como uma edificação com interesse à preservação e fez um tombamento municipal provisório. Em 1986, o tombamento definitivo do imóvel efetuou-se.

Desde então houve uma procura constante de estudantes e curiosos pelos moradores a fim de visitar e registrar o imóvel e, segundo os relatos destes, nunca se efetivou nenhum tipo de ajuda técnica e financeira para a revitalização desse espaço, que nunca sofreu uma grande intervenção.

Pequenas reformas foram feitas pelos moradores, conforme suas possibilidades, e muitas delas acabaram descaracterizando a edificação, mas, no entanto, conseguiram suprir as necessidades imediatas. Hoje a Vila Operária da Gamboa está bastante degradada apresentando diversos problemas.

O trabalho busca realizar uma análise social e histórica da Vila Operária da Gamboa e de seu entorno na região portuária do Rio de Janeiro, incluindo uma reflexão sobre o comportamento dos residentes da Vila perante as mudanças ao longo do tempo e dos fenômenos contemporâneos da globalização, da espetacularização e da gentrificação. Esta análise balizará a conservação e reapropriação da residência moderna pelos seus usuários de modo sustentável. Em outras palavras, o trabalho pretende auxiliar os moradores na elaboração de uma proposta de conservação e reabilitação capaz de aproveitar as oportunidades para a área, previstas nos documentos oficiais, como o Plano de Revitalização da Região Portuária (IPP, 2001) e o Plano Diretor do Município, e viabilizar a formulação de um edital capaz de enquadrar o imóvel como merecedor de financiamento para reforma.

Palavras-chave: Patrimônio, Adaptação, Revitalização

# **“Dilemas da conservação da Vila Operária da Gamboa no Rio de Janeiro: Proposta de intervenção física com a participação comunitária”**

## **Introdução**

O presente artigo surgiu de pesquisa realizada sobre a “Vila Operária da Gamboa” para a disciplina de Mestrado “Reabilitação Social em Projetos Urbanos” do Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Considerando a relevância histórica desta edificação, a primeira de interesse social moderna construída no Rio de Janeiro, a pesquisa sobre a Zona Portuária do Rio de Janeiro e a “Vila Operária da Gamboa”, que se encontra atualmente descaracterizada, teve como ponto de partida um “Grupo Focal”. Este foi realizado com algumas moradoras da edificação, no final de 2008, para levantar questões relacionadas ao seu estado de conservação e das possibilidades de intervenção para a melhoria das condições de moradia.

A partir dessa consulta aos moradores, pretendia-se auxiliá-los na elaboração de um projeto para inscrição num edital, dentre as opções existentes para a área. Porém, a idéia evoluiu para uma proposta onde os próprios moradores possam participar, não só como elaboradores do projeto, mas também como executores da possível restauração. Atividades que garantam a manutenção sustentável da edificação após a reforma podem ser desenvolvidas com a continuidade das seções do “Grupo Focal” e a aplicação de técnicas de empoderamento comunitário a fim de não apenas assessorá-los tecnicamente, mas também incentivá-los a se organizarem e desenvolverem eles mesmos um método de monitoramento e manutenção desta operação.

Num primeiro momento, serão apresentadas a “Vila Operária da Gamboa” e a Zona Portuária, para que seja possível entender as intervenções que esta área sofreu e as possibilidades de transformação que a legislação permite atualmente. Além disso, serão explicitados os conceitos já citados, tais como “Grupo Focal” e “Empoderamento Comunitário”. No final, pretende-se esboçar a proposta de intervenção com base nos dados já levantados.

## A Vila Operária da Gamboa

A Vila Operária da Gamboa localiza-se na Rua Barão da Gamboa, números pares de 150 a 160, no bairro Santo Cristo no Rio de Janeiro. Tem como uso original e atual a habitação multifamiliar de interesse popular e sua arquitetura é, caracteristicamente, do movimento moderno. A Vila recebeu o tombamento junto ao órgão municipal responsável, a Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico Cultural da Cidade do Rio de Janeiro (SEDREPACH), através do Decreto 6057/86 de 23 de agosto de 1986.

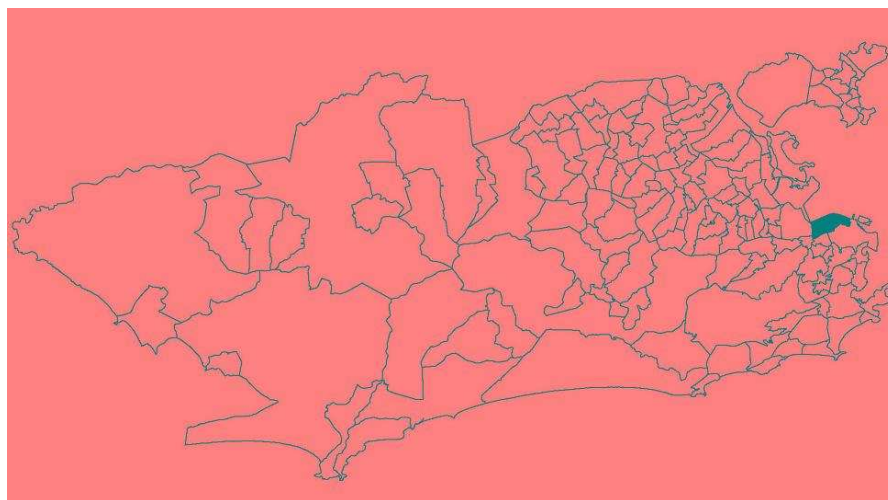


Figura 01: Município do Rio de Janeiro, em destaque a Zona Portuária

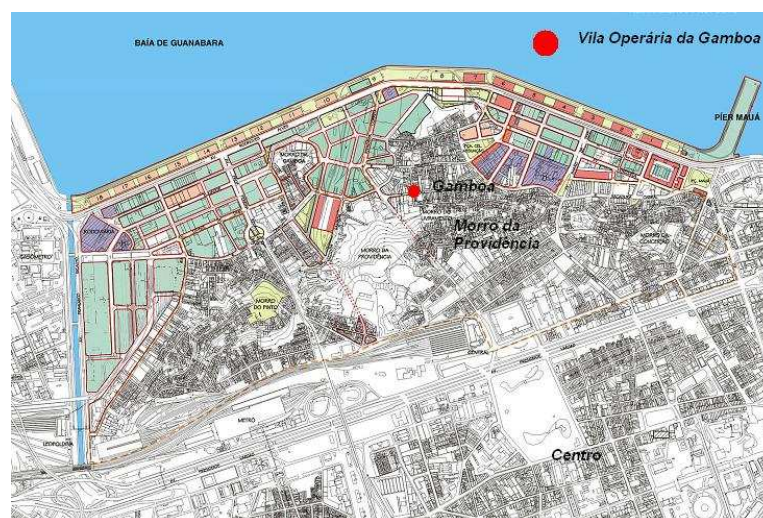


Figura 02: Zona Portuária



Figura 03: Foto da Vila na época da construção



Figura 04: Foto da Vila atualmente

Com a implantação de atividades industriais no Brasil, as vilas operárias começaram a ser elaboradas pelos empresários, a partir do final do século XIX e início do XX, com o intuito de proporcionar à mão-de-obra hábitos de trabalho e lazer, o que acabou contribuindo para o avanço do processo de urbanização das cidades brasileiras, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro.<sup>1</sup> Nesta última, as indústrias foram instaladas no local onde se tinha a melhor infra-estrutura então, a Zona Portuária.

Nesta área, em 1930, o empresário Fábio Carneiro de Mendonça propôs implantar a Vila Operária da Gamboa chamando o arquiteto-urbanista Lúcio Costa, para a elaboração do projeto, e Gregori

---

<sup>1</sup> Sobre vilas e habitações coletivas no Rio de Janeiro, ver VAZ, Lilian Fessler – Modernidade e Moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro, séculos XIX e XX, Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2002.

Warchavchik (russo), para a execução do mesmo em 1933. Nesse contexto, Costa liderava o movimento de implantação da arquitetura moderna no Brasil e Warchavchik era considerado o pioneiro da arquitetura moderna na América Latina. Conseqüentemente, a Vila Operária da Gamboa recebeu os requisitos de uma obra Moderna.

Segundo consta no documento de tombamento da Vila (SEDREPACH) sobre sua arquitetura:

*“Trata-se de uma edificação de linhas modernas – volumes puros, lajes em balanço sobre as portas, esquadrias basculantes em ferro – que aproveita integralmente o terreno. A circulação externa outrora comum a todos os apartamentos, hoje está individualizada. Sua cor, hoje ocre foi, inicialmente, havana e verde lona. A cobertura teve sua laje impermeabilizada substituída por telhas de canal, devido às dificuldades técnicas apresentadas pela solução original. Cada uma das 12 unidades possui uma pequena varanda, uma sala, dois quartos, cozinha, banheiro e uma pequena área de serviço. A planta, simétrica e modulada, apresenta uma forte influência do programa e disposição das antigas vilas operárias construídas na virada do século.”*

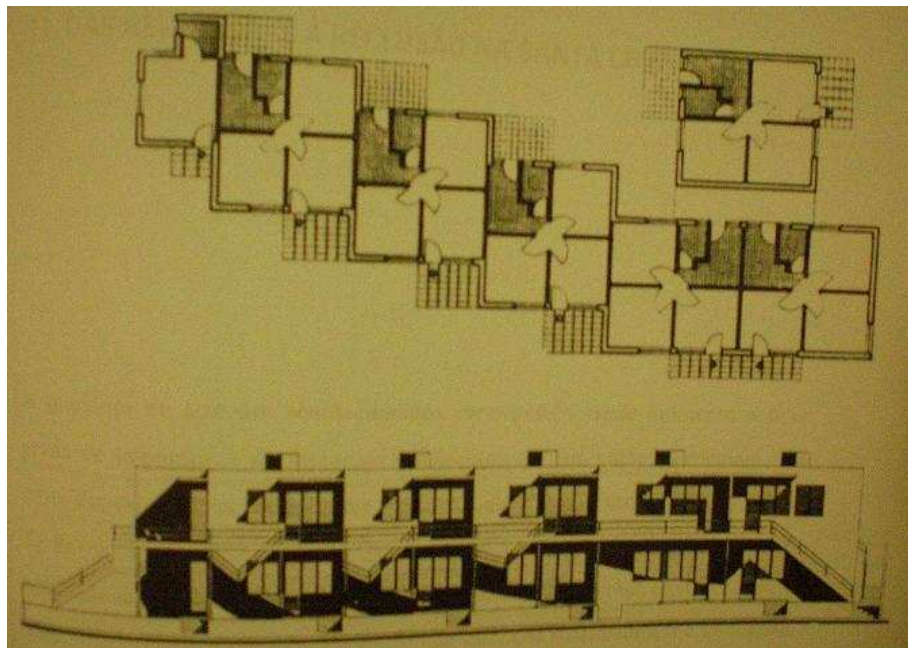


Figura 03: Planta baixa e fachada



A despeito da industrialização incipiente no país, a Vila Operária apresenta também forte influência das habitações mínimas, que estavam sendo construídas na Europa por arquitetos como Ernst May e Walter Gropius, e dos projetos de Le Corbusier, com formas semelhantes às de um navio, procedimento característico da chamada “estética da máquina”.

Sem o acompanhamento das entidades legalmente responsáveis pelo patrimônio tombado, a Vila está atualmente descaracterizada, quase imperceptível aos passantes, pois sofreu diversas modificações feitas pelos próprios moradores para atender suas necessidades imediatas. No entanto, elas são insuficientes para o bem-estar de seus habitantes e não atendem às exigências contemporâneas de segurança.

O tombamento assegurou a permanência do uso, porém, não gerou subsídios para manutenção, sendo os moradores os únicos a arcarem com a conservação de um bem que, apesar de particular, é parte da história da arquitetura moderna carioca e do Brasil. Inclusive, devido a sua importância, profissionais e estudantes procuram os moradores a fim de pesquisar sobre a Vila, mas nunca retornam com alguma proposta eficiente para a reabilitação da edificação, o que se pode depreender pela desconfiança dos moradores numa primeira aproximação.<sup>2</sup>

No entanto, por estar situada na Zona Portuária do município, a Vila pode se enquadrar em alguma das propostas existentes para a revitalização do local, devendo ser os técnicos os principais auxiliares dos moradores na conformação de um edital. Porém, isso deve ser feito em extrema sintonia com a vontade destes a fim de garantir o ideal de conservação das edificações modernas, a efetiva realização do projeto, sua manutenção e a permanência dos atuais residentes.

Pensando nisso, este estudo visa o envolvimento dos moradores desde o levantamento dos dados por meio de “Grupo Focal” até a execução da reforma e manutenção, de modo a minimizar os efeitos que um projeto de revitalização pode gerar. A Vila encontra-se numa área que já passou por sucessivas intervenções e é preciso cuidar para que o imóvel possa ser valorizado, sem que isto

---

<sup>2</sup> “E esse prédio tem um problema de estrutura. Precisamos ver como vocês poderiam nos ajudar em termos de obra, de fazer um projeto arquitetônico mesmo (...) Essas visitas de turistas estão sendo feitas há muitos anos e não mudou nada, nada. (...) Há muitos anos se faz visitas, tira fotos, foto daqui, dali. Mas não sai nada. A: E se um grupo de estudantes viesse aqui, frequentasse e propusesse um projeto para restauro em colaboração com vocês ? O que vocês acham ? B: Vai ajudar eles ! Pra botar no currículo deles. A: Nossa, como vocês estão descrentes de tudo ! B: É pelo que nós já passamos.” (Grupo Focal de 19/10/2008)

implique em custos monetários acima das possibilidades dos moradores, caso o projeto venha a ser bancado por eles. É preciso atentar também para que, uma vez concluída a obra, a valorização do imóvel não aumente os preços de aluguel ou venda, provocando a saída dos atuais moradores e proprietários. Isto é, para não provocar a gentrificação da Vila e seu entorno.

A fim de tentar encaixar a Vila dentro de uma proposta que garanta a sustentabilidade da intervenção, é importante descrever um pouco da história da Zona Portuária do Rio de Janeiro e compreender as possibilidades atuais de intervenção e seus prováveis desdobramentos.

### **A Zona Portuária do Rio de Janeiro**

A Zona do Porto do Rio de Janeiro é composta por três bairros – Santo Cristo, Saúde e Gamboa – e cerca de 11 favelas. Seus limites são as Avenidas Rio Branco, Presidente Vargas, Francisco Bicalho e o litoral, e é uma região que passou por diversas intervenções desde a fundação da cidade até a recente privatização do sistema de portos.

“A expansão das atividades portuárias da cidade, incentivada pelo intenso tráfico de mercadorias e escravos,(...), desempenhou papel fundamental no povoamento de toda essa região...”<sup>3</sup> que tinha uma ocupação até o começo do século XIX limitada às moradias sobre o morro da Conceição e o litoral da Prainha e Valongo.

Mesmo com a intensa procura pelas frotas mercantis no final do século XVIII, os serviços portuários continuaram precários. As grandes embarcações não tinham como atracar e ficavam ao longo da baía da Guanabara fazendo carga e descarga de mercadorias com pequenas embarcações. Essa atividade gerou propostas e ações de melhoramentos para a área como abertura e prolongamento de vias, calçamento, etc. Mas a maior delas, ou mais importante, foi a implantação da Estrada de Ferro por D. Pedro II, na segunda metade do século XIX.

A partir da chegada da família real em 1808, transformações sensíveis ocorreram na região em decorrência da expansão e urbanização da cidade e do desenvolvimento econômico como a

---

<sup>3</sup> Vaz et al, 1987.

construção de novos trapiches, armazéns e pontos de atracação no litoral para atender o movimento de importação e exportação que aumentava.

A economia cafeeira, a partir de 1830, exigiu mudanças no desenvolvimento dos embarcadouros e armazéns, que se estenderam da Prainha à Gamboa. A orla sofreu aterros para construção de novos cais e as atividades tradicionais aos poucos foram sendo substituídas pelas novas, o que ajudou na urbanização do litoral, com ruas que chegavam até o mar e áreas residenciais.

A economia do café no século XIX gerou um crescimento populacional que resultou na expansão urbana da cidade. Próximo ao litoral, as chácaras eram loteadas para novas residências se instalarem. Nas encostas dos morros foram abertas ruas com o mesmo objetivo.

A estrada de ferro possibilitou maior atividade de exportação, valorização do litoral, abertura de comércios e serviços próximos à estação, mas ao mesmo tempo desvalorizou os terrenos para uso residencial. Em apenas dez anos de implantação da estrada de ferro, o litoral estava todo ocupado.

Mas, somente na segunda metade do século XIX se pensou na construção de um porto moderno para o Rio. Em 1852, criou-se uma comissão para estudar as condições necessárias para a construção das Docas da Alfândega que começou no ano seguinte e demorou 13 anos para terminar.

Em função do espaço físico dos armazéns das Docas da Alfândega e da grande quantidade de mercadorias, verificou-se a necessidade de um novo porto. Ele viria complementar o primeiro e se localizaria nas enseadas da Saúde e Gamboa. As Docas D. Pedro II tiveram suas obras iniciadas em 1870 e finalizadas em 1887, sem cumprir o projeto inicial por motivos financeiros e políticos.

Na década de 1880, moinhos e fábricas instalaram-se nas ruas próximas ao mar devido à chegada da infra-estrutura de esgoto e gás. Proprietários de sítios próximos construíram habitações simples para aluguel e habitações coletivas não paravam de surgir, reforçando o caráter popular da área.

O final do século XIX foi marcado por uma série de acontecimentos (abolição da escravidão, proclamação da República) que mudaram as estruturas econômicas, políticas e sociais. E, por conta deles, pela primeira vez, a cidade sofreu profundas transformações urbanas.

As principais intervenções ocorridas na área do porto foram: construção de um novo cais, aterro do litoral e construção de largas avenidas, prolongamento do canal do Mangue até o mar e implantação de padrões modernos de urbanização (ruas largas, quadras regulares, traçado ortogonal, etc). O novo porto e o já definido papel da cidade contribuíram para a formação da urbe – Saúde, Gamboa e Santo Cristo – que nascia das “idealizações” do prefeito Pereira Passos.

No início do século XX, os três bairros se cristalizavam em suas atividades e tradições e, ao mesmo tempo, se isolavam do restante da cidade pelas suas conformações geográficas e o distanciamento do mar promovido pelos aterros. Mas duas obras vão isolar definitivamente a região dos outros bairros: a abertura da Avenida Presidente Vargas, em 1940 e, a Construção da Perimetral, em 1960.

O meio do século XX é caracterizado por projetos de grande porte e processos de renovação urbana que demoliram arquiteturas e sítios históricos valiosos. Na década de 1970, em contrapartida, um movimento artístico ou filosófico vem combater essas atividades sugerindo medidas de preservação ao patrimônio restante. Decretos municipais, projetos de preservação e leis foram elaborados para tentar equilibrar o desenvolvimento urbano com o patrimônio arquitetônico e cultural urbano a partir dessa data. Os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo são contemplados pelo projeto SAGAS, na década de 1980.

*“Em consequência desse projeto, foi baixado um decreto, em 1985, considerando grande parte dos bairros da Saúde, da Gamboa e do Santo Cristo de interesse para fins de proteção ambiental, preservando cerca de 1.100 edificações na área. No ano seguinte, outro decreto tomba definitivamente 23 edificações (...)”<sup>4</sup>*

A transformação dos portos industriais em portos logísticos em consequência dos processos de globalização configurou-se, no Rio de Janeiro, pelo deslocamento do transporte marítimo de cargas de granel para o Porto de Itaguaí, na região metropolitana, em 1982, o que causou mais

---

<sup>4</sup> Vaz et al, 1987

esvaziamento da região portuária central.<sup>5</sup> A fim de reverter esse quadro, os órgãos públicos vem implantando equipamentos e projetos voltados, sobretudo para o turismo.<sup>6</sup>

Além disso, foi desenvolvido um Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro pelo Instituto Pereira Passos, em 2001. As ações propostas visam a revisão da legislação urbanística; incremento da função residencial; reestruturação da circulação viária; recuperação dos espaços públicos; desenvolvimento de programas de geração de emprego e renda; e parcerias públicas e privadas voltadas para a revitalização.

Com o desdobramento dos eixos apontados acima, um primeiro leque operacional de iniciativas definiu as metas estratégicas de ação para que sejam atingidos os objetivos do Plano tais como a melhoria da drenagem e do esgotamento da região; reurbanização de logradouros públicos; restauração do casario do Morro da Conceição; realização do Favela-Bairro no Morro da Providência; reabilitação dos seis primeiros armazéns do cais do Porto para eventos culturais; reforma de grandes prédios públicos; construção de um complexo de cultura e entretenimento no Píer Mauá e aquário oceânico; reestruturação da rede de transporte da Região Portuária; despoluição do Canal do Mangue e do Canal da Avenida Francisco Bicalho. Além disso, alguns projetos da Prefeitura foram executados na área, dentre eles: Célula Urbana/Favela-Bairro no Morro da Providência; Cidade do Samba; Conjunto Residencial da Saúde; Vila Olímpica da Gamboa; Reurbanização das ruas da Gamboa, Santo Cristo e túnel da Providência.

## **Desdobramentos...**

Em resumo, desde a modernidade até hoje, a região portuária, foi palco de diversos investimentos tanto no sentido de impulsionarem seu desenvolvimento, quanto de consertar os estragos que este “desenvolvimento” trouxe. Baseado nisso, surgiu o trabalho para a disciplina de mestrado ao se analisar os conceitos que eles abarcavam. Os principais conceitos que embasaram a análise e a

---

<sup>5</sup> Sobre as transformações dos portos desde as últimas décadas do século XX, ver MEYER, Han – “City and Port - Transformation of Port Cities: London, Barcelona, New York, Rotterdam: changing relations between public urban space and large-scale infrastructure”, International Books, Rotterdam, 1999.

<sup>6</sup> Sobre as transformações do porto do Rio de Janeiro ver MOREIRA, Clarissa da Costa – A Cidade Contemporânea entre a tabula rasa e a preservação: cenários para o porto do Rio de Janeiro. Editora UNESP, SP, 2004. E LOBO, Maria da Silveira - *O projeto urbano 'glocal' do Porto do Rio: do Museu Guggenheim à Cidade do Samba* in cd-rom, website e anais do Seminário "Projetos Urbanos Contemporâneos no Brasil" (10 e 11 de agosto de 2006) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.

proposição de projetos de reabilitação de que tratou o trabalho foram: Globalização, Espetacularização, Gentrificação, Segregação e Sustentabilidade.

O primeiro conceito que se estudou foi a Globalização, porque ele é responsável por trazer os outros. Recapitulando, o processo de globalização teve início no mercantilismo na Europa nos séculos XVI e XVII com a acumulação de metais preciosos pelos países como prova de seu poder. Os metais vinham das colônias, espalhadas pelo Globo. O Brasil como colônia portuguesa era produtor de matérias-primas para exportação. No Rio de Janeiro, a colonização iniciou-se na região conhecida hoje como zona portuária. Esta sofreu diversas modificações físicas para atender às necessidades de sua função e da população que ali se instalara.

A Revolução Industrial consolidou esse processo, garantindo a produção em larga escala de bens de consumo duráveis e aumentou lucros possibilitando avanços tecnológicos. Como núcleo formador da cidade e por apresentar melhores condições de infraestrutura, na região instalaram-se as primeiras indústrias do Rio de Janeiro. A presença industrial não modificou o status de país exportador de matérias-primas, mas ajudou a modificar a paisagem da região, o modo de vida da população e intensificou a migração. Em conseqüência, houve necessidade de abrir ruas e lotear terras para atender a demanda de novas residências. Infraestruturas foram feitas para melhorar as condições da área e dinamizar a economia, porém, não conseguiram acompanhar tal crescimento, deixando localidades inteiras sem condições básicas para permanência.

A globalização trouxe também a competição entre cidades para atrair finanças, comércio e turismo, influenciando diretamente na estrutura urbana das mesmas. No Rio de Janeiro, percebeu-se esse movimento desde o início do século XIX, quando a intervenção feita por Pereira Passos, baseada nos ideais de embelezamento e higienização, buscou colocar a cidade em condições de competição com outras da América do Sul, como Buenos Aires e Montevideú. A partir daí, grandes obras foram construídas durante todo século XX para garantir a modernização da cidade sem dar importância à preservação de sua história e seus costumes.

Nas últimas décadas do século XX, os processos de globalização se aceleraram devido à inovações tecnológicas e à nova ordem econômica e política mundial. O neo-liberalismo teve como ideário “pensar globalmente, agir localmente”. Na escala intra-urbana surgiram os projetos de revitalização

das áreas centrais voltados aos espaços que tenham valores históricos, culturais e simbólicos importantes, com intenção de resgatá-los.

Na Zona portuária do Rio de Janeiro vários projetos foram ou estão sendo implantados para seguir a tendência do processo de globalização: transformar a cidade em “local estratégico para a indústria global do entretenimento”, como observou em outras cidades-globais Saskia Sassen.<sup>7</sup> Se esse espírito de revitalização continuar vigorando, a região poderá ser umas das áreas mais “beneficiadas” pelos projetos por ser uma das maiores representantes da história e dos costumes locais.

No entanto, a mesma área vem sendo tomada como “palco para espetáculos”, literalmente e no sentido em que Debord entendeu a nossa sociedade como “sociedade do espetáculo”. Isto é, como uma sociedade onde a “mercadoria ocupou totalmente a vida social” e “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”<sup>8</sup>, as imagens das mercadorias.

Observa-se que a cidade cumpre ambas as interpretações. A primeira se refere a Espetacularização como uma nova etapa contemporânea do capitalismo onde há uma intensa presença e convergência da comunicação, da informação, das telecomunicações e da informática e uma aceitação de que elas tornaram-se mercadorias diferenciais nas zonas privilegiadas de acumulação, pois as imagens são, por excelência, os produtos difusores de opinião e ação da sociedade. Deste modo, eventos como o Carnaval, Rio Cena Contemporânea e Fashion Week, indistintamente culturais e comerciais, repercutem e irradiam a imagem de uma nova zona portuária “glocal” onde turistas estrangeiros e turistas locais se misturam temporariamente em aparente confraternização.

A implantação de projetos direcionados para o turismo, se mal articulados, podem transformar a área numa verdadeira cidade-espetáculo. Se os projetos forem elaborados a partir de valores frívolos, como os mencionados por Ludwig Feuerbach: “nosso tempo sem dúvida (...) prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser...”<sup>9</sup>, estamos fadados a viver numa cidade sem identidade, numa sociedade onde a relações estão baseadas nas aparências.

---

<sup>7</sup> SASSEN, Saskia e Róost, Frank – *A Cidade: Local Estratégico para a Indústria Local do Entretenimento* in Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, Ano XVII, 2001, n. 41, pgs. 66 a 74

<sup>8</sup> DEBORD, Guy-Ernest – “A Sociedade do Espetáculo”, (1968), Ed. Contraponto, RJ, 2000.

<sup>9</sup> Idem nota nº 8

Outro risco em operações deste tipo é a Gentrificação. Gentrificação é o nome do “processo através do qual a nova “gentry” urbana, as famílias de classe média, tinham transformado os bairros operários” (Ruth Glass, 1964 in Smith, Neil) de Londres em elegantes lugares de habitação depois de os terem ‘invadido’, em consequência do aumento dos aluguéis pagos pelos moradores de baixa renda, o que ocasionou a expulsão desses para áreas periféricas da cidade.

Como já foi mencionado, a Zona portuária é uma área da cidade que foi se tornando obsoleta em consequência das exigências técnicas contemporâneas das atividades portuárias, como a especialização e contêinerização, e dos processos de expansão urbana e descentralização das atividades econômicas. Esses processos resultaram na saída tanto das classes de melhor status quanto das camadas de menor poder aquisitivo para outras áreas da cidade.

O quadro geral de ocupação dessa área hoje é de pessoas de baixa ou baixíssima renda submetidas a situações de abandono e violência encontradas no local por não terem outras possibilidades de moradia na área central da cidade ou no seu entorno.

Com a implantação dos projetos de revitalização da zona portuária o processo de gentrificação ocorrerá. Dependendo do incentivo governamental e dos investimentos dos produtores do espaço urbano ocorrerá de forma mais ou menos acelerada. Porém, poderá se tornar um grande problema social se não houver a proteção legal da permanência dos moradores. Infelizmente, o modelo político vigente não está preocupado em defender essa parcela da população, mas sim, em servir ao capital.

O efeito imediato da Gentrificação é a Segregação.

*“A segregação espacial de atividades (moradia, trabalho, comércio etc.), dos usos da terra, das densidades residenciais e das propriedades constitui uma característica estrutural das cidades contemporâneas. Esse tipo de segregação espacial é essencialmente o registro espacial da divisão econômica do trabalho, da especialização e aglomeração das atividades, da interdependência das empresas e aglomerados residenciais segregados por interesses e identidades comuns que caracterizam a economia urbana e a estrutura social.”<sup>10</sup>*

---

<sup>10</sup> QADEER, Mohammad A. – *Segregação Étnica em uma cidade multicultural, Toronto, Canadá* IN Espaço & Debates, 2004 – nº 45 – Segregações Urbanas.



A segregação nas atuais cidades globais é verificada na estrutura polarizada entre pobres e ricos – de um lado a massa populacional sem qualificação vivendo com baixos salários e/ou na miséria, e, do outro uma pequena parcela de profissionais altamente especializados vivendo luxuosamente.

*“Faz-se presente, então, uma nova modalidade de segregação, onde há uma maior proximidade espacial entre ricos e pobres; mas, ao mesmo tempo, e como consequência dessas mudanças, emerge um processo que torna esses espaços exclusivos a seus moradores, seja por meio dos muros (no caso dos condomínios fechados e shoppings), seja por meio da violência e do medo (no caso das favelas).” (Salata, 2007).<sup>11</sup>*

Nos três bairros da zona portuária, a característica predominante da população é a frágil situação financeira e as precárias condições de sobrevivência, apesar da boa infra-estrutura presente na área e da proximidade com o centro.<sup>12</sup> Isso se deve, em parte, à grande quantidade de ocupações encontradas nos morros (favelas) pela ausência de política pública habitacional e a falta de um sistema de educação pública que amenize o presente quadro imoral da desigualdade social.

A partir de uma intervenção mal gerenciada pode acontecer a compra da Vila por pessoas com melhores condições financeiras e, conseqüentemente, a saída dos moradores atuais para locais distantes e/ou não infra-estruturados ou até mesmo para as favelas próximas na região.

Portanto, ao se propor uma operação de revitalização para a “Vila”, deve-se pensar na sua Sustentabilidade. Neste caso, Sustentabilidade é a realização de uma reforma que garanta o envolvimento dos residentes desde a sua concepção até a sua materialização e, posteriormente, sua manutenção. Um projeto onde cada um se sinta participando com idéias e ações, que possam dar continuidade à conservação do prédio e proporcionar uma melhoria da sua condição econômica.

## **Algumas Iniciativas**

---

<sup>11</sup>SALATA, André R. Segregação urbana e reprodução das desigualdades sociais: um estudo sobre os atuais bairros pobres urbanos e sua influência na trajetória de seus moradores. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v.7 nº 2. Rio de Janeiro: 2007.

<sup>12</sup> Para mais informações, acessar: <http://www.rio.rj.gov.br/ipp/>

A área apresenta diversos projetos para a reabilitação social gerenciados por ONG's como a Viva Rio, Doe Seu Lixo, Associação Cultural Recreativa Afoxé Filhos de Ghandi, Ação da Cidadania, Fundação Palmares, e pelo poder público, como o a Vila Olímpica da Gamboa e a Creche Tia Dora. Mas, falta às instituições que possuem projetos na área uma melhor divulgação de seu trabalho, não só entre aqueles que precisam dele, mas também entre os que podem colaborar em sua sustentação, conforme foi reivindicado pelos moradores no grupo focal.

Já o Plano Diretor do Rio de Janeiro apresenta diretrizes no sentido de "incremento da função residencial, com a ocupação de terrenos vazios e recuperação de prédios históricos para fins residenciais"; "Parcerias públicas e privadas, nacionais e internacionais, voltadas para a revitalização"; e "Desenvolvimento de programas de geração de emprego e renda, especialmente para moradores e empresários locais".

De acordo com a legislação municipal, as indicações para a área partem dos conceitos de incentivo ao uso residencial, devendo a maioria das intervenções ser no sentido de proteger as edificações residenciais existentes, recuperando-as quando necessário. As diretrizes de uso e ocupação para a Área de Planejamento 1 são as seguintes: "III - desenvolvimento das propostas de proteção das áreas da Saúde - Gamboa - Santo Cristo, de Santa Teresa e de Catumbi;" (...) "IX - as áreas da Zona Especial do Corredor Cultural do Centro da Cidade e do Projeto Saúde - Gamboa - Santo Cristo (Projeto Sagas);" (...). (Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, Art. 62)

A Vila Operária da Gamboa pertence a um conjunto de edificações tombadas pelo município (Projeto Sagas), portanto, seus critérios de aprovação para uma restauração são bem mais rígidos e devem passar por uma análise dos órgãos competentes.

A edificação passou por intervenções anteriores sem a devida orientação, o que a descaracterizou. Por se tratar de uma edificação da década de 1930, a edificação em análise não se enquadra nos quesitos de segurança e conforto ambiental contemporâneos.

Portanto, neste trabalho, a proposta de restauração visa melhorar as condições de vida dos moradores do imóvel, mas também servir de estímulo a outros de similar situação para fazerem o

mesmo com suas residências. É importante lembrar que a participação da comunidade no projeto e na execução da restauração é de fundamental significância.

As obras, reformas ou modificação de uso em imóveis situados em áreas submetidas a regime de proteção ambiental, em área tombada ou em vizinhança de bem tombado precisam da licença da Secretaria Municipal de Urbanismo e envolvem a apresentação de plantas técnicas e pagamentos que nem todos os residentes podem fazer.

No entanto, a Vila pode ser enquadrada num edital como o do Programa Monumenta/BID, ainda que como exercício acadêmico. Neste programa, os interessados elaboram propostas que, uma vez selecionadas, são analisados pelas equipes da UEP, IPHAN e Caixa Econômica Federal (CEF). Os aprovados podem assinar o contrato de financiamento e receber recursos para executar obras de recuperação do imóvel. Reparos no interior dos imóveis são admitidos somente para proprietários com renda de até 3 salários mínimos. As parcelas do financiamento começam a ser pagas 6 meses após a conclusão das obras e são depositadas na conta do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico. Ainda assim, alguns moradores não podem arcar com estas despesas.

Há ainda a possibilidade de apoio da iniciativa privada via Lei de Incentivo à Cultura (PRONAC-MINC) em parceria com órgãos e empresas públicas, a exemplo das obras de restauro geridas pela Fundação Roberto Marinho.<sup>13</sup>

Buscar apoio da iniciativa privada é complexo, pois provavelmente haveria um interesse destoante das condições do local, resultando apenas nos desdobramentos relacionados à Espetacularização e Gentrificação, sem nenhuma condição de que uma reforma fosse Sustentável.

---

<sup>13</sup> Ver <http://www.frm.org.br/main.asp?ViewID={BD83DF56-274A-4849-9CB1-37CFAC319C7A}>

## ***Com a palavra, as moradoras*** <sup>14</sup>

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em abril de 2008, publicou um relatório que analisa o desenvolvimento social em áreas urbanas através de índices, igual ao Índice de Desenvolvimento Humano calculado pela ONU.

O relatório leva em conta o conhecimento, recursos monetários e saúde da população para calcular o índice. As variáveis se resumem na qualidade da habitação e escolaridade. De acordo com esse relatório, que compara os índices entre as diferentes regiões da cidade, a região possui um índice de 0,531 e se encontra na 22ª posição entre as regiões do Rio.

A área conta com poucos equipamentos educacionais, tanto públicos, quanto privados, ressentindo de escolas de ensino médio e técnicas. Porém, possui fácil acesso ao centro da cidade, onde existe uma maior oferta de equipamentos deste tipo.

No campo da saúde, ocorre o mesmo problema. De acordo com os moradores da “Vila” há 2 bons hospitais, que sempre estão sobrecarregados, e 1 posto de saúde para todos os bairros da região. Esta será, inclusive, a principal prioridade indicada por eles para a área.

Em relação aos transportes, os moradores da Vila consideram que a área é bem servida e chama atenção a intensidade do tráfego de veículos nas ruas do entorno, principalmente de ônibus.

Quanto aos equipamentos relacionados ao lazer, eles afirmam que as principais opções de lazer são as poucas praças da área. Além destas, existe a Vila Olímpica da Gamboa, da qual os moradores se utilizam largamente e a Cidade do Samba, esta inacessível devido ao alto valor do ingresso. Não há cinemas, shoppings ou lanchonetes, o que causa grande descontentamento por parte dos moradores, que têm que se deslocarem para outros bairros em busca dessas alternativas.

---

<sup>14</sup> Referência ao título da pesquisa realizada por NOVAES, Regina Celia Reyes - "Com a palavra, os moradores" : pesquisa em comunidades e bairros da Grande Tijuca para o Projeto Meio Ambiente e Democracia do Ibase e da Agenda Social Rio.

Também existem na área diferentes programas de desenvolvimento social, como os da CRAS, Cidade do Samba, a Vila Olímpica, da Ação da Cidadania, do Conselho Estadual de Direitos da Mulher /Centro Integrado de Assistência à Mulher, das Associações de Moradores, etc. De acordo com os depoimentos dos moradores, eles não têm conhecimento sobre a maioria deles e não participam por não terem interesse e/ou tempo disponível para se dedicar, com exceção da Vila Olímpica que está localizada no entorno imediato. Isto se reflete também na não participação no planejamento local, bem como na avaliação e manutenção dos programas.

Diante desse quadro, um projeto referente à Vila Operária da Gamboa deve ser mais que uma reforma física, deve abarcar valores culturais, históricos e sociais, a fim de gerar novos pontos de lazer e renda para a região.

Todas estas informações foram obtidas, numa primeira aproximação com os residentes, na forma de grupo focal, que se mostrou a forma mais interessante de se trabalhar com estes moradores.

Um Grupo Focal é:

*“uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. (...) Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos” (Veiga & Gondim, 2001).*

O grupo focal é uma técnica de avaliação que oferece informações qualitativas. Um moderador guia grupos numa discussão que tem por objetivo revelar experiências, sentimentos, percepções. Os grupos são formados com participantes que têm características em comum e incentivados pelo moderador a conversarem entre si, trocando experiências e interagindo sobre suas idéias, sentimentos, valores, etc. O assunto é identificado num roteiro de discussão e são selecionadas técnicas de investigação para a coleta das informações sobre determinado assunto.

## **A proposta**

Durante a reunião do grupo focal, surgiu a idéia de se procurar escritórios modelos de instituições de ensino públicas e privadas para a concepção gratuita do projeto de reforma desse imóvel. Uma equipe voluntária de arquitetos e alunos se incumbiria de levantar o material necessário para a obra e fazer pedidos de doações formais (via ofícios) a empresas de materiais de construção juntamente com os moradores nos moldes das iniciativas de empoderamento comunitário.

Empoderamento Comunitário, por sua vez é "um processo pelo qual indivíduos, comunidades e organizações obtêm controle sobre suas vidas" (Rappaport apud Minkler, 1992:303). É a habilidade de pessoas conseguirem um entendimento e um controle sobre suas forças pessoais, sociais, econômicas e políticas, para poderem agir de modo a melhorar sua situação de vida.<sup>15</sup> É "a transformação dos 'atores sociais' em 'sujeitos sociais' capazes de uma ação coletiva solidária, que confere autonomia, sentido e emancipação dos processos de exclusão e segregação."<sup>16</sup>

A mobilização se daria com a realização de mais reuniões de Grupo Focal, quantas forem necessárias até se chegar num consenso das propostas. Além disso, as oficinas de reflexão podem se expandir na forma de vivências aliadas a construção de objetos de arte, exemplificando as possibilidades de construção comunitária.

Em contrapartida, no final da obra, pode-se implantar um memorial na edificação, contando a história do prédio, que se liga totalmente à arquitetura moderna carioca e brasileira com a criação de alguma fonte de renda para os residentes. Além disso, seria fixada na edificação uma placa em agradecimento aos patrocinadores e seria mobilizada a mídia para a divulgação do feito, o que poderia conferir às empresas prestígio pelo seu compromisso com a cidade do Rio de Janeiro.

Ainda há muito a se fazer até o início de um ciclo de reuniões e oficinas e, mais tarde a execução de uma obra, mas este trabalho já visa elucidar esta intenção, inclusive para esclarecer os moradores.

---

<sup>15</sup> In: [http://portaldesicict.fiocruz.br/transf.php?script=thes\\_chap&id=00003402&lng=pt&nrm=iso](http://portaldesicict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_chap&id=00003402&lng=pt&nrm=iso)

<sup>16</sup> GOHN, Maria da Glória - *O Protagonismo da Sociedade Civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*, São Paulo: Cortez, 2005 – (Coleção questões da nossa época; v. 123)

## Referências bibliográficas

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GOHN, Maria da Glória - *O Protagonismo da Sociedade Civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*, São Paulo: Cortez, 2005 – (Coleção questões da nossa época; v. 123)

LOBO, Maria da Silveira - *O projeto urbano 'glocal' do Porto do Rio: do Museu Guggenheim à Cidade do Samba* in cd-rom, website e anais do Seminário "Projetos Urbanos Contemporâneos no Brasil" (10 e 11 de agosto de 2006) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.

MEYER, Han – "City and Port - Transformation of Port Cities: London, Barcelona, New York, Rotterdam: changing relations between public urban space and large-scale infrastructure", International Books, Rotterdam, 1999.

MOREIRA, Clarissa da Costa – *A Cidade Contemporânea entre a tabula rasa e a preservação: cenários para o porto do Rio de Janeiro*. Editora UNESP, SP, 2004.

NOVAES, Regina Celia Reyes - "Com a palavra, os moradores" : pesquisa em comunidades e bairros da Grande Tijuca para o Projeto Meio Ambiente e Democracia do Ibase e da Agenda Social Rio.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, Instituto Pereira Passos. Relatório do Projeto Sagas. Rio de Janeiro, 1984. Pg 64. Jul/Ago/84.

\_\_\_\_\_. Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico Cultural (SEDREPACH). Decreto 6057/86, de agosto de 1986.

QADEER, M. A. Segregação étnica em uma cidade multicultural: Toronto, Canadá. Revista Espaço & Debates. 2004, nº 45.

SALATA, André R. Segregação urbana e reprodução das desigualdades sociais: um estudo sobre os atuais bairros pobres urbanos e sua influência na trajetória de seus moradores. Estudos e Pesquisas em Psicologia. v.7 nº 2. Rio de Janeiro: 2007.

SASSEN, Saskia e Roost, Frank – *A Cidade: Local Estratégico para a Indústria Local do Entretenimento* in Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, Ano XVII, 2001, n. 41, pgs. 66 a 74

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à "regeneração" urbana como estratégia urbana global. In: Bidou-Zachariasen, Catherine (Coord.) – *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos* (2003). São Paulo: Annablume, 2006.

VAZ, L. F.; ALBERNAZ, M. P.; CARDOSO, E. D.; PECHMAN, R.; AIZEN, M. História dos bairros: Saúde, Gamboa e Santo Cristo – Zona Portuária. Rio de Janeiro: Index, 1987.

VAZ, Lilian Fessler – *Modernidade e Moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro, séculos XIX e XX*, Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2002.

<http://portalteses.icict.fiocruz.br>, em 06/06/2009

<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos>, em 06/06/2009